
Identidade gráfica do jornal *Nosso Bairro em Pauta*: um estudo sobre conceitos e práticas de diagramação.¹

Alissom BRUM²

Júlia LOEF³

Johany HOFFMANN⁴

Vera DONES⁵

Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS

RESUMO

Este artigo descreve o projeto gráfico do jornal *Nosso Bairro em Pauta* com base no processo de produção, assim como nos elementos identitários que compõem seu conceito, que é o estudo da tipografia, da fotografia e da grade de construção. Este estudo parte de conceitos e pressupostos defendidos por Lupton (2006; 2008), Ambrose & Harris (2009) e Samara (2007; 2010; 2011). O jornal é produzido dentro do projeto de extensão *Nosso Bairro em Pauta*, desenvolvido pelo curso de Comunicação Social da Universidade Feevale. As atividades realizadas por bolsistas e professores partem das relações entre mídia, educação e cultura, tendo como foco de trabalho o processo de construção do jornal de mesmo nome que atende escolas públicas e a comunidade do seu entorno.

PALAVRAS-CHAVES: Projeto gráfico editorial; Jornal; Mídia, educação e cultura.

1. INTRODUÇÃO

A construção do jornal *Nosso Bairro em Pauta* parte do Projeto de Extensão de mesmo nome da Universidade Feevale. Iniciado em 2002, o projeto completa, em 2015, treze anos de existência. Desde então, volta-se à construção do conhecimento através de um conjunto de ações que integra universidade e comunidade. As atividades são compostas por oficinas voltadas para as temáticas da comunicação e atendem crianças de escolas públicas das comunidades Vila Nova, Kephass e Redentora e partem da relação entre mídia, educação e consumo. Dentre os trabalhos, o projeto realiza três oficinas com crianças de escolas públicas das comunidades, que participam de atividades semanalmente, com encontros na escola e na Universidade. As oficinas de Mídia e Educação, Cinema e Fotografia, propõem uma reflexão sobre o que os veículos midiáticos nos apresentam todos os dias, além de trabalhar os processos da comunicação e criação, para que, a partir disto, construam um olhar crítico para

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade Design Gráfico.

² Aluno líder do grupo e estudante do 4º. Semestre do Curso de comunicação social com habilitação em Publicidade e Propaganda. Email: alissombrum@feevale.br.

³ Estudante do 5º. Semestre do Curso Design Gráfico. Email: julioef@gmail.com.

⁴ Estudante do 5º. Semestre do Curso Design Gráfico. Email: joh_hoffmann@hotmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Professora dos cursos de Design, Design Gráfico, Jornalismo e Publicidade e Propaganda. Email: veradones@feevale.br.

a publicidade. Todos os trabalhos têm como foco os bairros atendidos, pois, além da construção do conhecimento, incentiva-se a valorizar o lugar onde vivem.

Dentro dessa mesma perspectiva, começou-se a pensar na produção de jornais que trouxessem notícias sobre os bairros e que transformassem pequenos acontecimentos das vilas em pautas. Em 2003, é publicada a primeira edição do jornal *Folha Martin Pilger*, que resgatou a autoestima da sua comunidade, tornando seus moradores os protagonistas das histórias. Após quatro anos e oito publicações, a *Folha Martin Pilger* tornava mais efetivo o encontro com a comunidade e as escolas municipais dos bairros Vila Nova e Martin Pilger. Em 2007, surge então o jornal *Fala Kephass* que integrava escolas e comunidades dos bairros São José e Kephass, em Novo Hamburgo, mostrando, aos leitores, tudo o que bairro tem, dando visibilidade as suas ações e produções. A cada nova edição dos jornais, a comunidade passou a perceber de maneira diferente seu dia a dia, pois os acontecimentos do seu cotidiano também eram notícia. Saraí Schmidt, criadora do projeto, relata em seu depoimento o quanto é produtivo o encontro entre comunidade e universidade, quando o projeto comemorou uma etapa de sua trajetória:

Após uma experiência de dez anos, temos a convicção de que a promoção da leitura crítica da mídia, por meio de oficinas, e a produção dos jornais *Folha Martin Pilger* e *Fala Kephass* são estratégias produtivas para perpetuar espaços nos quais as comunidades locais possam tornar pública as suas opiniões e colocar em circulação as narrativas da comunidade escolar. (SCHIMIDT 2012, P. 15).

Até 2013, as comunidades eram atendidas por publicações diferentes. Viu-se então a oportunidade de unificar esses jornais com propostas de fazer uma integração entre as comunidades. Samara (2011, p.1) justifica a importância da leitura de jornais, visto que “as publicações nos aproximam como parte de uma comunidade maior (...) quando lemos um jornal estamos nos conectando com pessoas do outro lado da cidade ou até mesmo do mundo”.

Nasce então o jornal *Nosso Bairro em Pauta*, uma junção do *Folha Martin Pilger* com o *Fala Kephass*, trazendo novas pautas que percorrem sobre os diferentes bairros. O jornal já conta com duas edições que foram elaboradas a partir de uma nova linha editorial e gráfica, e será sobre esses conceitos identitários que decorrerá nosso artigo.

2. OBJETIVO

A diagramação, dentre as tarefas de pauta, como escrever e fotografar, é uma das mais importantes partes da construção da informação, ainda mais quando se destina a um

veículo que se constitui de sua própria identidade visual. É pela complexidade do veículo impresso que Samara (2011) aponta a necessidade da organização das informações.

O fato de a publicação impressa ser um objeto informacionalmente complexo que precisa ser dirigido significa que os designers precisam abordar questões como conceito e layout, legibilidade e organização. Ao competir com uma audiência muito distraída, tudo o que puder ser feito para deixar a informação acessível e relevante para o público, para intrigar, envolver e ser útil (acima de tudo) torna-se absolutamente necessário. (SAMARA 2011, P.3-4)

Faz parte do planejamento gráfico de uma publicação a definição de uma grade de construção, a escolha da tipografia e das cores, entre outras tarefas do *design*, como o tipo de imagem para compor o discurso gráfico. Essas escolhas estão baseadas em conceitos estéticos que unificam os elementos da página, trazendo a disposição correta das informações, valorizando assim as matérias e atraindo o leitor. Buscamos aqui realizar uma análise e discussão das questões gráfico-visuais relevantes para a construção do seu projeto gráfico.

3. JUSTIFICATIVA

O planejamento gráfico se justifica na sua linha editorial. Ao construirmos um jornal para as comunidades, estamos criando meios para refletir sobre o que a grande mídia nos apresenta todos os dias e possibilitando uma leitura crítica dos artefatos midiáticos que são nos impostos todos os dias. O jornal *Nosso Bairro em Pauta* expande essa reflexão a comunidade, contrapondo-se a realidades generalizadas pelos veículos de massa.

É a televisão, os jornais, as revistas, entre tantos outros meios, que a cada dia intensificam mais sua relação entre mídia e educação. Ela se dá no poder de se construir significados, identidades, representações, concepções, entre tantos outros sinônimos determinados à mesma função de ensinar. Hall (1997, p.3), na sua noção de mídia, também reflete sobre isso:

A mídia tem uma função na formação, na constituição das coisas que ela reflete. Não que há outro universo ‘lá fora’, que exista fora do alcance dos discursos de representação. O que há ‘do lado de fora’ constitui-se, em parte na forma como é representado. (Apud SCHMIDT 199 p. 12).

Em outras palavras, a mídia exerce influencia na formação do indivíduo, que através de seus discursos, passa a nos apresentar suas concepções, interiorizadas como verdade. Ao abrirmos as páginas de um jornal, de uma revista, ou ao assistirmos, por algumas horas, à televisão, veremos tantas representações da nossa sociedade que passamos a adotar determinados valores e estilos de vida como modelos a serem seguidos. Nesse sentido, Schmidt (1999, p.8) alerta que “[...] as relações de poder forjadas e operantes na arena

cultural, vão consolidando e legitimando concepções, fortalecendo posições políticas – filosóficas, produzindo identidades e coordenando sujeitos”.

O jornal *Nosso Bairro em Pauta* se originou com a proposta de intervir na pauta convencional da mídia e sua linha editorial baseia-se na vida local das comunidades, são os que lá vivem; os protagonistas das histórias. São as crianças da vila, a dona de casa, o *tio* da padaria, o barbeiro e as escolas que emergem sobre os textos e se ilustram nas fotos. É o exercício e o desafio de olhar para as comunidades na busca de ver aquilo que a diferencia dentro da imensidão do mundo que a constitui. Um jornal que vem da comunidade e para a comunidade.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS

Os assuntos abordados dentro do jornal *Nosso Bairro em Pauta* trazem a realidade e o cotidiano dos bairros Vila Nova, Kephas e Redentora, da cidade de Novo Hamburgo, com a intenção de proporcionar uma valorização e visibilidade das comunidades atendidas pelo projeto. As matérias, diagramação e oficinas são feitas por acadêmicos bolsistas do Projeto de Extensão *Nosso Bairro em Pauta*, coordenados por professores do curso de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade Feevale.

Iniciando pelo conselho editorial, que é formado pelos professores das escolas públicas dos bairros, a pauta é definida através do assunto indicado por cada instituição de ensino. Cada reportagem destina-se a sessões diferentes do jornal, cujos temas partem de dentro da comunidade e transformam-se em matérias positivas a serem publicadas no jornal.

Entre as 24 páginas do *Nosso Bairro em Pauta*, existem dez diferentes sessões: *Olha Só!*, um índice colorido em que há fotos de reportagens, expediente e uma mensagem introdutória da equipe do projeto; *Por Onde Anda* entrevista ex-alunos das instituições de ensino atendidas, em que eles contam sua trajetória e lembranças da época da escola; *Sala de Aula é Notícia* apresenta projetos desenvolvidos por alunos das escolas Adolfina Diefenthaler, Affonso Pena, Eugênio Nelson Ritzel e Rodrigues Alves, com uma página dedicada a cada instituição; as três páginas da *Educação Infantil* relatam algumas atividades de crianças da rede infantil de ensino; *Serviços da Feevale* apresenta alguns serviços relevantes oferecidos pela instituição para a comunidade em geral; a sessão *Oficinas* apresenta o que ocorreu nas oficinas de Mídia e Educação e Cinema e Educação, também realizadas por bolsistas do *Projeto Nosso Bairro em Pauta*; textos e reportagens sobre o cotidiano da escola e da comunidade, feitas por alunos das instituições de ensino parceiras do projeto, ganham destaque na sessão *Jovem Repórter*; em *Esporte*, projetos de educação física realizados por

professores viram notícia; em *Saúde*, alertas, dicas e curiosidades informam os leitores sobre os mais variados assuntos relacionados à área; o *Caderno Especial* é uma sessão específica, colorida e ilustrada, que dá destaque sobre um assunto diferente a cada edição, além de contar com uma crônica e um encarte especial com atividades relacionadas ao assunto da matéria. Abordaremos a seguir os conceitos que regem as práticas do processo de diagramação do jornal.

5. DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE DIAGRAMAÇÃO

Organizar as informações, contrapor com os alinhamentos e trabalhar os espaços foram questões que, no Brasil, em termos de imprensa, começaram a ser discutidas no início do século XIX. O primeiro veículo de informação que chegou à grande massa foi o jornal, na época uma evolução dos ofícios do governo, que passou a ter mais de uma coluna e já apresentava hierarquia em sua composição. Ao longo das décadas, mais elementos foram sendo acrescentados. A tipografia se mostrava cada vez mais trabalhada e começaram a utilizar a cor em detalhes e casos especiais (Melo e Ramos, 2012).

Pensar o planejamento gráfico de uma publicação impressa é de grande importância, ainda mais quando ela é extensa. Por ser um objeto complexo, com muito volume informacional, é necessário abordar e dar significância às questões como o *layout*, conceito, legibilidade e organização. Deve-se fazer todo o possível para que a publicação informe, intrigue e seja acessível para os leitores.

Documentos singulares contendo mais de oito ou 12 páginas exigem que os designers se concentrem nas questões decorrentes da leitura extensa: organizar grandes volumes de conteúdo em pacotes de informações relacionadas; trabalhar a tipografia para que seja confortavelmente legível ao longo de diversas páginas, mas mantendo a leitura vivaz o suficiente para envolver o leitor; estruturar partes de páginas e seções para acomodar uma variedade de conteúdo, seja ele baseado em imagens ou em texto; e integrar as imagens à tipografia para obter uma forma unificada e construir uma comunicação que é maior que a soma de suas partes. (SAMARA, 2011, p. 11)

Essas características são importantes para que, a partir de sua definição, seja criada uma identidade visual que traga credibilidade, unidade e desperte o interesse do público.

Dentre esses elementos, a grade assume um papel fundamental que, segundo Harris e Ambrose (2009, p.53), auxilia o *designer* na organização, proporção e disposição de elementos em uma página. Além disso, seu uso proporciona uma maior coerência e integração entre o conteúdo, evitando que elementos sejam postos de forma aleatória na estrutura. Lupton (2008) justifica essa importância dizendo que

Um grid bem feito incentiva o designer a variar a escala e o posicionamento dos elementos, sem precisar contar apenas com julgamentos arbitrários e caprichosos. O grid oferece um ponto de partida racional para cada composição, convertendo uma área vazia num campo estruturado. (LUPTON, 2008, p.175)

O projeto gráfico do *Nosso Bairro em Pauta* segue uma grade de quatro colunas com margem superior, inferior e direita de 20 mm, e esquerda de 15mm, o que gera um bom campo de leitura e espaçamento em uma página cujo tamanho é 270 mm de largura e 330 mm de altura. Ademais, o uso de quatro colunas cria uma relação de proporcionalidade entre textos, fotos, ilustrações e demais componentes gráficos utilizados no jornal.

Para que o leitor consiga entender e identificar uma ordem de leitura, deve-se existir uma hierarquia das informações entre os elementos que fazem parte de uma composição. Para determinar isso, o *designer* necessita compreender e categorizar as informações contidas no projeto e sua importância dentro dele, determinando a ordem em que as informações devem ser lidas e suas diferentes funções dentro do contexto, como legendas, boxes, subtítulos, fotos, etc. Elementos tratados de forma semelhante pressupõem uma relação de semelhança. (SAMARA, 2007).

Essa hierarquia foi trabalhada dentro do jornal através dos boxes complementares à matéria, que apresentam informações extras, dicas e curiosidades, com título e texto em tamanho reduzido. Esses boxes não interferem na reportagem, apenas a complementam, gerando também uma ordem de leitura, em que o box vem após o texto.

Segundo Harris e Ambrose (2009, p. 76), “a hierarquia de texto é um guia lógico, organizado e visual [...] Indica níveis variados de importância por meio do tamanho de corpo e/ou estilo”. A fim de entendermos e classificarmos essa hierarquia, faz-se também necessário um conhecimento e clareza a respeito do papel da tipografia dentro dela.

Ao criar um design de uma publicação, um dos maiores focos é a tipografia. Em um nível essencialmente funcional, o designer precisa lidar com questões de legibilidade, hierarquia e clareza para apresentar informações verbais. Ao selecionar fontes e integrar a tipografia às imagens, o designer pode influenciar profundamente o caráter geral de uma publicação, e de fato, produzir outro tipo de conteúdo. A escolha da fonte estabelece uma voz para o conteúdo que o posiciona de forma específica mediante significados que o público pode associar a sua própria fonte (SAMARA, 2011, p.30).

Além disso, utilizar dois ou mais tipos, ajuda na definição dos componentes hierárquicos, podendo exibir, nos estilos de letras, relações tanto de contraste como de correspondência.

Dentro do *Nosso Bairro em Pauta*, essa hierarquia foi trabalhada utilizando, para os títulos principais, subtítulos dentro da própria matéria e, para algumas informações extras,

uma fonte sem serifa, forte e sólida, como a “Impact”, com seu corpo variando de 12 a 75 pontos a fim de deixar claro a importância dessas informações dentro do conteúdo. Já para o subtítulo e a matéria em si, a fonte Arial foi escolhida por passar seriedade e credibilidade, por facilitar a leitura e não *cansar a vista* dos leitores. No *Caderno Especial*, por ser uma sessão que pode ser mais livre em relação às outras, foi utilizada a tipografia “Bebas Neue” na capa do caderno e para os elementos visuais de maior destaque, por ter linhas limpas, ser moderna e impactante, e que foi experimentada no *Caderno Especial* a fim de criar um movimento dentro das páginas. No encarte que acompanha o *Nosso Bairro em Pauta*, que tem como intenção a realização de uma atividade que faça com que as crianças interajam com o jornal, e que teve como tema na segunda edição, uma raspadinha que propunha aos leitores a realização de algumas ações como visitar um amigo, ler um livro, etc., a fonte Forte foi escolhida por lembrar uma escrita feita à mão livre, mais infantil e divertida, o que seguia a proposta visual do encarte.

Um elemento gráfico de diversas possibilidades é a cor. Segundo Lupton (2008, p.71), “A cor existe, literalmente, no olho do observador, pois só podemos percebê-la quando a luz é refletida por um objeto ou emitida por uma fonte”. Mais do que apenas um fenômeno físico, as cores são um potente estímulo visual e, extremamente, úteis na comunicação, porém seu significado é subjetivo e sua interpretação é afetada por experiências individuais e diversidades culturais. Cor, de fato, é conteúdo, cria sentidos e associações, devendo sempre ser bem pensada em um projeto (SAMARA, 2007, 2011).

A cor no *Nosso Bairro em Pauta* é usada na Capa e no logotipo do jornal, em uma cor que não interfira na percepção da foto principal e do título; o editorial e o índice *Olha Só!*, contam com duas cores que servem como apoio para as fotos; o *Caderno Especial*, que é uma das partes de maior popularidade do jornal, justamente, por ter como característica a impressão colorida, com ilustrações e uma maior flexibilidade, teve, na primeira edição, visto que o Caderno estimulava a reflexão a respeito do que a criança gostaria de ser quando crescer, um predomínio de espaços vazios e do azul, que estimula a introspecção. Na segunda edição, a combinação dos tons de azul com o cinza azulado foram usados, precisamente, para remeter ao assunto tratado no caderno: a vida acelerada e o tempo na atualidade, sua relação com a tecnologia, com o passageiro e com o moderno; e, por fim, na contracapa, há um anúncio a respeito do programa *Nosso Bairro na TV*, também, produzido pelos bolsistas do projeto *Nosso Bairro em Pauta*.

Tendo em vista a importância da imagem como um instrumento para a comunicação, o jornal *Nosso Bairro em Pauta* traz em sua linha editorial uma estrutura que visa imagem e

texto como complementos um do outro. Além do seu impacto, as fotografias ajudam os leitores a construir uma visão própria do bairro; é por meio desse recorte do tempo e espaço que se caracteriza o dia a dia das comunidades. Samain (1995) reflete o quanto a mídia é responsável por uma mudança na nossa visão de mundo, no nosso caso, o bairro.

Há mais quinhentos anos que os estudos do homem vivem sob a hegemonia da verbalidade, da escrita em especial. Não tenho certeza que os filhos de nossos filhos saberão ler e escrever como sabemos fazê-lo. Eu sei, desde já, que o adolescente informatizado não olha o mundo da mesma maneira que eu o descobria há quarenta anos. (SAMAIN, 1995, p. 9).

A fotografia, sendo uma importante potência entre os meios de comunicação, se mostra, dentro do projeto, como uma ferramenta que contribui para que os moradores esculpam essa visão própria sobre seu bairro, sobre sua realidade. Dessa maneira, o jornal *Nosso bairro em Pauta* traz, através das imagens, novos ângulos e enquadramentos para o cotidiano das comunidades. Hoje, a fotografia é um dos principais produtos da cultura midiática na contemporaneidade, mas sua aceitação pelos meios de comunicação foi lenta e se desenvolveu gradativamente.

No início, os jornais eram compostos unicamente por textos, por isso dominar a habilidade da escrita era característica essencial do profissional da época. Com o surgimento da arte e da necessidade dos seres humanos serem representados, aos poucos os desenhos e gravuras produzidas via xilografia e litografia passaram a compor os *layouts* simétricos dos jornais, mas essas imagens ainda não eram vistas como informação, mas como acessório. Tais concepções mudaram quando começaram os experimentos em processos fotomecânicos, a fotolitografia, além de avanços que permitiram que imagem e texto fossem impressos juntos pelo processo de autotipia, conforme ensina Buitoni (2011).

Com o advento da fotografia e suas evoluções, esse recurso visual passou a ganhar espaço na mídia impressa. Mesmo com a chegada dessa tecnologia no Brasil, muitos veículos da época, como a revista “Semana ilustrada”, preferiam utilizar ilustrações. Em 1900, a “Revista da Semana”, localizada no Rio de Janeiro, foi à pioneira em empregar fotografias em sua linha editorial, valendo-se delas desde sua primeira publicação. Posteriormente, no ano de 1928, as fotografias passaram a ser adotadas na revista “O Cruzeiro”, em que ditavam o ritmo das narrativas. Já em 1951, o jornal “Última hora” viu nas imagens fotográficas uma importante ferramenta de impacto visual, assim como o “Jornal do Brasil” passou a destacá-las na composição de seus *layouts*. Inovando e trazendo novos espaços para as fotos na diagramação, em 1966, o “Jornal da Tarde” representou uma importante mudança na comunicação visual. Seguindo essa nova tendência, outros veículos da época passaram a

experimental e pensar o uso de fotos como um importante meio de informação no jornalismo. Segundo Buitoni (2011, p.55), “Qualidades como objetividade, transparência, verdade, foram sendo assumidas pelo discurso jornalístico, que adotou a fotografia como produção confiável e real”.

Ademais, o texto a fotografia se insere dentro das pautas como uma forma de representar o assunto trabalhado. Ambrose e Harris (2009, p.46) ajudam a justificar a sua importância dentro do projeto: “O fotojornalismo é um estilo específico de fotografia caracterizado por imagens que mostram momentos rápidos e definitivos da vida real. Essa técnica captura emoções reais e [...] ajuda a definir nossa percepção da humanidade e do mundo ao nosso redor”. Da mesma forma, Sousa (2000, p.221) reflete sobre a complexidade desse recurso “Presente e inter-relacionada na arte, no jornalismo, na administração, no mundo militar, na indústria, na edição, no entretenimento, nas ciências da comunicação e informação, a fotografia é rica, diversificada e complexa”.

Em tempos da proliferação de celulares como câmera e equipamentos digitais, é preciso refletir sobre a importância das imagens quando estamos diante de uma cultura visual associada à cultura do consumo. A proposta editorial do jornal aqui apresentando é dar a oportunidade para que crianças e adultos dos bairros consumam outras imagens além das que a mídia convencional lhes apresenta todos os dias.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando nos propusemos a criar um jornal para as comunidades, queríamos valorizar as histórias que lá encontramos. Por isso, ao planejá-lo, tivemos um cuidado de distribuir essas informações sobre as páginas do jornal de modo que a diagramação siga os conceitos da comunicação visual, deixando a publicação funcional, harmônica e com a capacidade de proporcionar uma boa leitura.

Em cada pessoa que conhecemos e ruas que andamos, percebemos de maneira diferente os bairros. Na capa, nas matérias e enquetes, há sempre uma foto em que o protagonista é algum morador de um dos bairros. Dar visibilidade a essas pessoas e fazer com que suas ações sejam reconhecidas é o compromisso social do projeto e faz com que esse jornal seja um veículo muito estimado e fidelizado pelo seu público. Nesses 13 anos em que atendemos essas comunidades, muitas das edições anteriores do jornal tem suas capas e páginas emolduradas e expostas sobre as paredes de tantas casas como motivo de orgulho daquela pessoa que lá foi representada.

A cada edição do jornal *Nosso Bairro em Pauta* apresenta novas formas de olhar, ver nas comunidades pequenas pautas, que podem se tornar grandes notícias. Assim como Eliane Brum (2006), buscou-se com cada olhar uma nova história.

Somos todos mais iguais do que gostaríamos. E, ao mesmo tempo, cada um é único, um padrão que não se repete no universo, especialíssimo. Nossa singularidade só pode ser reconhecida no universal. Tudo é um jeito de olhar (BRUM, 2006, p.195).

Esse jornal, pode-se dizer, contribui para que os moradores vejam seu bairro, não apenas como o local onde moram, mas sim como um ambiente vivo e cenário de tantas histórias.

REFERÊNCIAS

- AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. **Imagem**. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. 1. ed. Porto Alegre: Arquipélago, 2006.
- SOUZA, Jorge Pedro. **Uma história crítica da fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Gritos, 2000.
- SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. 3. ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2010.
- BUITONI, Dulcilia Schroeder. **Fotografia e jornalismo – a informação pela imagem**. São Paulo: Saraiva, 2011.
- LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer Cole. **Novos Fundamentos do design**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. **Layout**. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- SAMARA, Timothy. **Ensopado de design gráfico**. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2010.
- SAMARA, Timothy. **Elementos do design – guia de estilo gráfico**. Porto Alegre: Bookman, 2007.
- MELO, Chico Homem de; RAMOS, Elaine. **Linha do tempo do design gráfico no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- SAMARA, Timothy. **Guia de design editorial**. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- SCHMIDT, Saraí Patrícia. **A Educação nas lentes do jornal**. Porto Alegre (RS): Faculdade de educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Faced-UFRGS), 1999.
- SCHMIDT, Saraí Patrícia. **Criança e comunicação: Nosso Bairro em Pauta 10 anos**. Novo Hamburgo: Feevale, 2012.
- SAMIN, Etienne. **Questões Heurísticas e torno do uso das imagens nas ciências sociais**. Em: Seminário “Pedagogia da imagem, imagem na pedagogia” (1995. Niterói, RJ). **Anais Do seminário...** Universidade Federal Fluminense, 1996.